

humanitas

Vol. XXXI-XXXII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXI-XXXII



COIMBRA

MCMLXXIX-MCMLXXX

HINO DE AMADOR ARRAIS EM LOUVOR DE COIMBRA

Quando falamos dos grandes prosadores portugueses, não é justo esquecer Frei Amador Arrais com os «Diálogos» escritos numa linguagem de pureza, fluência e arte comparáveis às seduções da prosa de Frei Heitor Pinto. São 10 diálogos entre Antíoco, enfermo (personificando talvez o autor) e Apolónio, médico; Pauliniano, pregador; Aureliano, fidalgo; Herculano, cavaleiro; Justiniano, doutor legista; Soliniano, pregador; Salónio, canonista; Calidónio, teólogo e Olímpio, religioso.

Para além da mestria da linguagem, a formação humanista, teológica e mística de Frei Amador Arrais legaram-nos, nestas páginas, informações, ensinamentos e conceitos indispensáveis a um conhecimento pleno da cultura portuguesa do século XVI.

Contudo, o objectivo restrito deste trabalho não permite, sequer, aflorar o código ideológico d' «Os Diálogos». O nosso alvo é, por agora, outro. Quem, em Coimbra, recorda quanto Frei Amador esteve ligado a esta cidade como aluno, mestre e doador?

Infelizmente, as pessoas, as cidades e os povos têm memória fraca, não rememoram, esquecem quem os honrou, adornou e amou.

Ora, se bem que não tenha nascido em Coimbra, Frei Amador Arrais tão menino para cá veio que, nela tendo estudado e ensinado, a favoreceu com suas doações e a amou com a ternura dum verdadeiro filho.

Embora afastado da terra, sua mãe escolhida, durante os anos em que foi bispo coadjutor de Évora e residencial de Portalegre, Frei Amador a ela regressou, nela morreu e jaz sepultado.

Quem o recorda?

Procuremos nós, então, lembrar justamente que assim foi.

Os documentos nos dizem que fez o noviciado e professou no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, ali na rua da Sofia (Santa Sofia), em 30 de Janeiro de 1546.

Foi ele o primeiro escolar recebido no colégio de Coimbra, depois que o seu fundador, Frei Baltazar Limpo, então bispo do Porto, mandou que aí se recolhessem os frades Carmelitas Calçados, sendo também o primeiro a professar lá.

Quanto aos estudos e magistério de Frei Amador, em Coimbra, leiamos que, no dia 30 de Abril de 1557, perante o reitor da Universidade, D. Manuel de Meneses, «prouou o padre frei amador aRaiz da ordem do carmo... q̄ ouuira do Curso do mestre M.^o de pina q̄ leo no Collegio Real todo o tempo & todos os libros daristotiles q̄ se Requerem p.^a se fazer brêl mestre na dita faculdade». E no mesmo dia, «mais prouou ouuir dos lentes ordinarios de theologia cinco Cursos q̄ tudo se acabou no mes de Julho do ãno de 554» (M. Lopes de Almeida, *Diálogos de Frei Amador Arrais* (Introdução), Porto, 1974, p. XVII).

Num outro documento se lê que «apresentou hũa petyçã ã q̄ dezya que tẽ ouuido nesta vniuersydade huũ Curso dartes E seys de theologia E q̄ depois leo ã Santa Cruz huũ Curso de artes E agora lya outro Curso no mesmo mosteiro de maneira q̄ depois de ter ouuido os ditos Cursos resydira cõtino nestunyuersydade cinco ãnos lendo sempre philosophia ou theologia».

Finalmente, havemos de considerar, logo a seguir, mais um documento elucidativo:

«aos x dias do mes de junho de 1566 ãnos na cydade de Coimbra & guarda Roupa dos paços DelRey onde se costumã fazer os autos de Theologia Estando hay o Snõr ayres silua Reytor & o p.e frey Martinho de ledesma padrynho & os doutores lêtes da faculdade ã suas presêças sostêto o padre frey amador carmelita as cõclusões [...] & lhe argumentarẽ os bachareis da faculdade & insistirẽ os doutores logo eles Snês uotarã por aa. & RR. p.^a saber se o admitteriã p.^a os mais autos q̄ se Reqrẽ p.^a bacharel formado & foy por todos aprouado nemine discrepante lâçando todos aa. & forã noue os q̄ votarã (...).»

É assim, pois, evidente que Frei Amador Arrais foi brilhante escolar e mestre, em Coimbra.

Vamos constatar seguidamente como ele adornou e engrandeceu a sua querida cidade do Mondego.

Leiamos com emoção na parte final d'«Os Diálogos» esta sua declaração-testamento, argumento sensível, em palavras e obras, dum amor, duma afeição simples e sincera.

«E porque me succedeo em lugar de patria a Cidade de Coimbra, onde gastei a flor da minha adolescencia, Cidade varonil, & espero de passar os poucos que me restão de vida (pois em muyta velhice não podem ser muitos) & passados elles ser sepultado no meio da Capella Mòr da Igreja do Collegio de Nossa Senhora do Carmo (que eu eregi, & dotei o melhor que pude & pus na perfeição que hora tem com a Sacristia que já está acabada, & crasta nova que se vay fazendo) quero aqui cantar em louvor da dita Cidade os versos seguintes:

«IN LAUDEM COLIMBRIAE

*Munda parens ad quem spretis Aganipidos undis
Aoniae sedem constituere Deae
Lympha licet Ceirae coenoso mixta Duesso
Interfusa tuas commacularit aquas;
Quamvis & nimio decreverit alveus aestu
Quem propior solitis imbribus auget hiems
Si tua colle ex stellato repetatur origo
Tum Durius, Minius, tum Tagus ipse silet.
Cedat jure tibi qui flava uligine circum
Foecundat dites nobilis Hermus agros.
Cedat & aurifero Pactolus gurgite, quamquam
Saepe suo Phryggias laverit amne manus:
Quique sibi occurrit refluis Moeander in undis
Quique audit querulas dulce laister (1) aves.
Nam dum Palladiae plantis adlaberis urbis
Perpetuo Musas excipis hospitio.*

(1) Tendo em conta a métrica, o sentido, o contexto e o vocabulário usado, pensamos que se trata duma gralha e ser correcta esta reformulação do verso em questão:

*Quique audit querulas dulce etiam Ister aves
E também o Ister que escuta o suave gorgeio das aves*

*Sacros deinde pedes tranquillo flumine lambens
 Nutris finitimi jugera laeta soli;
 Dum vagus effusa pluviosae nubis ab urna
 Vicino properas exonerare salo.
 Dulci lactentes animantur gurgite fruges,
 Dum sator hyberno sulcus ab amne bibit
 Densat sylvā comas, vestitur frondibus arbor,
 Flava per exundans fluctuat arva seges
 Cernit & è patrio gaudet Colimbria colle.
 Metiturque oculis horrea plena suis.
 Colle, super laetis sublimior excubat arvis
 Unde tui, speculo se videt illa, lacus.
 Hic foelix stabilem fixit sapientia sedem,
 Ex ipso aeterni vertice nata Jovis.
 Hinc leges populos, hinc morbo exsolvere corpus,
 Hinc docet immensum mente videre Deum.
 Urbs tibi sic decori est, sic urbem insignis, & illa
 Terrarum domina est, tu dominator aquae,
 Praetereo doctos, quos tu numerabis alumnos.
 Attamen in numerum quis numeraret queat?*

LAUS DEO.»

Agora dou a tradução quanto possível literal:

EM LOUVOR DE COIMBRA

*Mondego, nascente de vida, junto a quem as ninfas,
 desprezando a aónica fonte de Aganipe, sua morada edificaram.
 Embora o rio Ceira em comunhão com o Dueça lodoso,
 desaguando em ti, tuas águas maculado tenha,
 embora o teu leito, que o Inverno próximo com as costumadas
 [chuvas aumentará,
 à força dum tórrido calor, tenha minguado,
 se a tua origem à Serra da Estrela formos buscar,
 então, emudecerão o Douro, o Minho e o mesmo Tejo!
 Ceda-te, sem discussão, o lugar, o nobre Hermo
 que os úberes campos com sua alourada nata circunfeca...
 Ceda-te também o lugar o Pactolo de aurífero caudal,*

*ele que, tantas vezes, na sua corrente as frígias mãos lava;
 e o Meandro sinuoso, de águas refluentes,
 e o suave laister que das aves ouve o canto sonoro.
 Enquanto, pois, da cidade de Minerva as plantas banhares,
 para sempre as Musas albergarás...
 Depois, lambendo os pés sagrados com tuas mansas águas,
 alimentas as geiras felizes dos campos marginais,
 enquanto, galgando do teu leito pela chuva das nuvens cheio,
 corres apressado a lançar-te no vizinho Oceano...
 Com tua doce linfa as espigas ainda em leite se animam,
 enquanto o feraz sulco, do Inverno a água bebe,
 a floresta suas copas adensa, veste-se de folhagem a árvore,
 nos campos a loura seara ondulante flutua,
 COIMBRA gozosa a contempla do alto da Colina-Mãe
 e com seu olhar os celeiros plenos alcança.
 Vigilante, sobre os campos alegres ergue-se sublime
 no monte donde, no espelho do teu lago, Ela se mira!
 Fixou aqui, triunfante, sua estável morada, a Sabedoria
 nascida lá do íntimo da cabeça eterna de Júpiter...
 Daqui, as leis aos povos e a extirpar do corpo a doença ensina,
 daqui ensina a alcançar, com a mente, Deus Imenso!
 Assim, a cidade é para ti um adorno, assim tu adornas a cidade...
 Ela é a Senhora da terra e tu o Senhor da água...
 Não falo dos sábios que contarás como teus filhos!
 Mas... quem poderá contar-se no seu número?*

Para além de prova visível de afecto ímpar, este hino é uma autêntica joia das numerosas que nos legaram os nossos poetas latinos do Renascimento português.

São evidentes a inspiração, o virtuosismo da construção, o classicismo do vocabulário, com um sabor universal dos melhores vates romanos.

É um formoso hino de 36 versos, isto é, 18 dísticos elegíacos.

Finalizada esta curta reflexão, resta-nos, ao passarmos em frente da igreja do Carmo, na histórica Sofia de Coimbra, erguer olhos admirados e gratos para o seu frontispício, rememorando o varão imortal que aí deixou seu nome. Havemos de prometer ler os imperecíveis «Diálogos», imprescindíveis ao guloso da renovada prosa quinhentista e ao paciente investigador do são misticismo português.

Havemos de entrar respeitosamente e ler o seu epitáfio em pedra simples:

*«S.^a de D. F. Amador Arra
Iz|bpo| de Portalegre.
Feytura DEL-Rei D. An
Rique. Sev esmoler mor.
Foi o pr.^o religioso qve
Professou neste Cole
gio. Faleceo Ao 1^o de Agos
to de 1600.»*

Depois, ao sairmos do formoso templo, havemos ainda de lamentar que Frei Amador Arrais não tenha rua sua em Coimbra, a velha e ingrata urbe, tão amada e venerada por ele.

GABRIEL DE PAIVA DOMINGUES